

10500
12
SONETOS SERIOS E JOVIAES

QUE
NA NOITE DO DIA 26 DE OUTUBRO
DIA ANNIVERSARIO

DE SUA REAL MAGESTADE
O SENHOR

D. MIGUEL I.
REI DE PORTUGAL E ALGARVES
E SEUS DOMINIOS
COM MUITO RESPEITO E JUBILO

41
NA PLATEA
DO REAL THEATRO DE S. CARLOS

E
NA DO THEATRO DA RUA DOS CONDES

NO DIA
DO NOME DO MESMO REAL SENHOR
REPETIO

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA
LEIRIENSE.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1830.

Com Licença.

BENIGNOS LEITORES.

Como encontro por toda esta Cidade muitos sujeitos, que se mostram apaixonados pelas minhas Obras, dos quaes huns, só pelo vicio de fazerem perguntas, e outros por terem verdadeiros desejos de lerem Folhetos meus, me dizem: = *Senhor Fulano, a sua penna está em ociosidade; já não escreve alguma cousa para nos divertirmos?* = E que além destes, e outros elogios, me pedem estes Sonetos; vendo eu que me seria preciso pagar a hum Escrevente, para apromptar copias delles para dar aos Curiosos, achei por melhor imprimi-los; porque com a pequena despeza de 60 réis podem, os que isto aprecião, ficar satisfeitos, como eu o hei de ficar, se se gastar a impressão, ainda que imprimi poucos; e verei se para a sua extracção este exordio alguma cousa vale, ou não

Vale.

A rogos de Amigos meus,
Fiz taes Versos imprimir,
Que o Publico os applaudio,
Ouvindo-mos repetir:
Porque os Vassallos fieis
Não perdem occasião,
Nos Louvores do seu Rei,
De mostrarem o que são.

SONETO 1.º

FAZER-ME hum grande Vate não procuro,
Nessa gloria não devo tomar parte;
Outros Genios com mais engenho, e arte
Nos Elogios tem nome seguro:

Só pensando em MIGUEL, meu estro apuro,
O pensamento meu não se reparte;
Entro no seu Louvôr, pondo de parte
O vicio da vaidade, que esconjuro.

Se a hum Real Assumpto assim me atrevo,
He por ver, em geral, o prazer nosso,
Que tudo he pouco quanto digo, e escrevo.

Esperando este Dia me alvorçoço!
Em nadar em prazer faço o que devo,
Em louvar o meu Rei faço o que posso.

SONETO 2.º

Portugal, que festeja este aureo Dia,
Deseja ao seu Monarcha faustos Annos,
E quer, de cada vez que fizer Annos,
Celebrar com prazer este bom Dia.

Com pompa se abrilhanta a noite, e o Dia,
Pelo Real Objecto destes Annos;
Esquecem males de passados annos
Quando apparece a Aurora deste Dia.

Isto nasce da candida amizade,
Que tributâmos a MIGUEL PRIMEIRO,
Que sabe avaliar nossa amizade:

Se ElRei em nos amar he o primeiro,
Do Seu Povo, qualquer por amizade
Só para O defender quer ser primeiro.

SONETO 3.º

Com destino elegêo o Omnipotente
 Hum Joven, já de hum Nome dominante,
 Nome de Archanjo, que no Ceo, triunfante,
 Abatêo da Soberba a força ardente.

Ninguem contra MIGUEL traições intente;
 Para O guardar tem Anjo vigilante:
 Deos, que O encaminhou a ser Reinante,
 Fará feliz o Rei, ditosa a gente.

Não podem negras Furias insulta-Lo,
 Que o Nome de MIGUEL, ao nomear-se,
 Acha em defeza o mais pobre vassallo:

Escusa a magra Inveja de cançar-se,
 Porque as Virtudes hão de eterniza-Lo,
 E Seu Nome ha de sempre respeitar-se.

SONETO 4.º

As Armas, e os Varões assignalados
 Do antigo Portugal, Reino florente,
 Deixarão nessas Eras permanente
 A fama do Valôr, dos bons Soldados.

Se temos Portuguezes inda honrados,
 Povo firme na Fé, a Deos temente,
 Haja união, e paz na Lusa gente,
 Que o Ceo nos dará tempos melhorados.

Não he com laberintos, e impiedade
 Que se convencem corações tyrannos;
 MIGUEL tem Leis oppostas á maldade:

Quem he homem de bem atalha os damnos:
 Assim será feliz a nossa Idade,
 E do Nosso Monarcha os Dignos Annos.

SONETO 5.º

Com hum vôo insensível, e apressado;
 Nos foge o tempo, ou triste, ou bonancoso;
 E deve-se julgar por venturoso
 Quem tem Moraes Virtudes praticado.

O Inclito MIGUEL no Seu Reinado,
 Já vendo em seu favôr o Ceo piedoso,
 Se empenha em que este Reino lastimoso
 Seja do antigo damno restaurado.

Dos *Rebeldes* não teme a vil empreza;
 Inda resurge a Lusa valentia,
 Que pode a Patria pôr toda em defeza:

Conta Seus Regios Annos neste Dia;
 Supplanta o negro aspecto da tristeza;
 Em todos alimenta alma alegria.

SONETO 6.º

Todo o homem de bem, que tem juizo,
 Deve, lições do tempo aproveitando,
 Do seu Monarcha as Leis ir respeitando,
 Ser vassallo fiel, nada indeciso:

Só assim mostrará ter honra, e siso,
 Por D. MIGUEL PRIMEIRO a vida dando,
 Pedindo ao Ceo se vão multiplicando
 Os Annos de hum Monarcha tão preciso.

Os Genios, que reformas só projectão,
 Do Egoismo se nutrem noite, e dia,
 E de caritativos inda affectão:

Vivâmos como d'antes se vivia;
 Nada de innovações, que tanto inquietão
 O Povo, a Patria, as Leis da Monarchia.

SONETO 7.º

Cingir os verdes louros ensopados
 No sangue da esvaída humanidade;
 Levar a ferro, e fogo huma Cidade,
 Deixando os Habitantes aterrados;

São triunfos; mas, quando eternizados,
 Mancha-lhe a tyrannia a heroicidade,
 E até da imparcial Posteridade
 Hão de ser, com horror, abominados.

MIGUEL cingio-se á Lei, que nos sustenta;
 Guerra não quer, nem louros de victoria;
 Os máos castiga, aos bons não descontenta:

Tem Deos no Coração, Deos na Memoria;
 De unir Virtude aos Annos não se isenta,
 Que esta dos Reis, no Mundo, he sempre a gloria.

SONETO 8.º *Em Perguntas, e Respostas.*

P. Que he isto, Portugal, que tens soffrido?

R. Muitas perturbações, muita surpresa.

P. E inda cercado vives de tristeza?

R. Inda, que inda estou mal convalescido.

P. A quem deves o ser tão perseguido?

R. A huma céga ambição, que em mim faz preza.

P. Não lhe podes de encontro pôr defeza?

R. O novo Rei me tem muito acudido.

P. Conserva-lo he o ponto verdadeiro?

R. Com Elle todo o Povo está contente;

Tem prudencia, e valôr de Heróe Guerreiro;

E anda, pelo prazer que o Reino sente,

O Grande Nome de MIGUEL PRIMEIRO

Na bôca, e coração de toda a gente.

SONETO 9.º

Bem pode negra nuvem condensada
 Os raios encobrir do Sol brilhante;
 Pode esconder o ouro, e o diamante
 Terra inculta, na mina procurada;

Pode a força dos ventos agitada
 Fazer que o mar undoso se levante;
 Que dos Ceos desça o raio crepitante
 Nas azas de horrorosa trovoada.

Em tudo muito pode a Natureza;
 Mas de hum Rei, que amoravel nos captiva,
 Escurecer-Lhe os Dons! Baldada empreza.

Contra a perfidia, que á razão se esquiva,
 Neste Dia marcou nossa defeza:
 Viva MIGUEL PRIMEIRO, a Patria viva!

SONETO 10.º

O Nome de MIGUEL traz neste Dia
 A' memoria hum prazer do Ceo, e terra;
 No Ceo, O que a Lusbel fez dura guerra,
 Na terra, O que ama a Lusa Monarchia.

Nutrem os corações pura alegria;
 Hum, e Outro no Peito a Gloria encerra;
 Este Nome immortal de nós desterra
 O susto, que a Nação tanto opprimia.

Pacificos vassallos, Rei prudente,
 Cujas Virtudes com respeito louvo;
 Tornão ditoso hum Reino a Deos temente.

MIGUEL, Nosso Monarcha, hum Tito novo,
 Faz que com estes Dotes se sustentem
 O Throno, Altar, Costumes, Patria, e Povo.

SONETO 11.º

Toda a Nação tem annos de alegria,
 E Portugal já foi rico thesouro,
 Nelle se derramava a chuva de ouro,
 Que a inveja nos mais Reinos promovia:

Huma nova, e infernal Philosophia
 Servio a Portugal de infausto agouro,
 Não se ha de crêr no seculo vindouro,
 Damnos, que tem soffrido a Monarchia!

Eis apparece hum Joven, que a memoria
 Ha de avivar do Rei D. João Segundo,
 MIGUEL, que nos dará Dias de gloria;

Tem hum discernimento o mais profundo,
 Nome insigne ha de ter na Lusa Historia,
 Ensinando a ser Reis os Reis do Mundo.

SONETO 12.º

Ao Templo do Destino fui levado,
 Entre sonhos bastante tenebrosos,
 E descançando em Campos espaçosos,
 O Templo devisei illuminado:

O Anjo Tutelar lá vi sentado,
 Com tres Livros ao lado volumosos,
 Continhão tempos máos, e venturosos,
 Do Futuro, Presente, e do Passado:

Neste, das Acções nossas no Oriente
 Hum resumo se lia verdadeiro;
 No segundo, o flagello, que se sente;

Nada tinha o Futuro d'agoureiro,
 Paz, e abundancia nos mostrava, e em frente,
 Viva de Portugal MIGUEL PRIMEIRO.

SONETO 13.º

Não pertendo indagar da Providencia
 Os segredos das cousas, que succedem,
 Mystérios, que no Mundo muito excedem
 A curta comprehensão da humana essencia:
 Eu devo só louvar a Alta Clemencia,
 Que dá aos Povos Lusos quanto pedem,
 Que os Ceos permitem que de nós se arredem
 Os estragos da vil maledicencia:
 MIGUEL, do Omnipotente auxiliado,
 Pouco a pouco subjuga os nossos damnos,
 Salvando o Reino do penoso estado;
 Vence caballas, desmascara enganos,
 E ha de por nós no Throno sustentado
 Contar em firme paz Ditosos Annos.

*Apparecendo o Retrato de Sua Real Magestade
 o Inclito Senhor D. MIGUEL PRIMEIRO
 no Theatro da Rua dos Condes.*

SONETO 14.º

As Effigies de Heroes, que tem havido,
 Só servem de trazerem á lembrança,
 Quem já na Eternidade em paz descança,
 Até que de huma vez fica esquecido:
 A impostura do Mundo tem sobido
 A ponto de fazer-se confiança
 Em cousas, que por terra o tempo lança,
 Sem que dellas se tire algum partido:
 Porém o Nosso Rei tão estimado,
 Já para Portugal lhe não he novo,
 Que ha de em todos os tempos ser lembrado;
 Retratos de Lisonja não os louvo,
 MIGUEL, inda em pintura Retratado,
 Está Fallando ao Coração do Povo.

SONETO 15.º

Jovial.

Inda que tenho já bastante idade,
 Pode o Nosso Bom Rei contar comigo;
 E aquelle, que eu achar Seu inimigo,
 Saberá se lhe tenho, ou não vontade.
 Não julguem que isto em mim he fatuidade;
 De brigar sei preceitos, sei o p'rgo;
 No tempo de estudante fui amigo
 Da velha espada preta, sem vaidade.
 O Nosso Amavel Rei eu defendendo,
 Cumprio com hum dever, que me convida
 A ser hum valentão, nada temendo:
 Sou velho, mas de tèmpera curtida;
 Com a espada na mão jôgo fazendo,
 Por ElRei D. MIGUEL darei a vida.

SONETO 16.º

Jovial.

A maior parte, que ha desses *Malhados*,
 Contra a Religião, contra o Sob'rano,
 São Tafues, que se vestem de outro panno,
 Que não vestirão seus Antepassados:
 Papagaios de orelha, afrancezados,
 Que, sem principios terem, fazem damno;
 Compondo novidades todo o anno,
 Na Súcia dos seus mais apaniguados.
 Se perdem este Dia da memoria,
 Dos Annos do Seu Rei, Annos tão dignos,
 Leve-se d'huma vez a banca á gloria,
Malhados, Liberaes, e Libertinos,
 Para disciplina, e palmatoria
 Rilhafoles tem Mestres de meninos.

SONETO 17.º Jovial.

Juro co' aquella Fé, em que persisto,
 Que sou hum verdadeiro Realista,
 E que não me hão de vêr entrar na Lista,
 Em que trêfegos Genios tenho visto:
 Quero com o meu Rei viver bêm quisto,
 E que por muitos Annos fausto exista;
 Antigos Portuguezes tenho em vista,
 A quem louvo, e ninguem me tira disto,
 Por D. MIGUEL PRIMEIRO aos Ceos imploro,
 Que, em paz, feliz o Seu Reinado faça,
 O Throno Lhe respeito, e a Deos adoro,
 Viver, por tôllo, em ferros, he desgraça!
 Eu dou-me bêm nas casas, em que moro,
 Não quero que me dêm outras de graça.

SONETO 18.º Jovial.

Em tempo opportuno teve o Auctor a Honra de o entregar a Sua Real Magestade.

Apezar d'humidade já madura,
 Sempre me lembro de hum gracejo honesto,
 Para passar da vida o curto resto
 Com a antiga feição, e igual frescura.
 O meu puro desejo hoje procura
 Huma Graça, Senhor; e Vos attesto
 Della fazer ao Mundo hum Manifesto
 Se comsigo de Vós essa ventura
 Consiste o caso em vêr ao Vosso Lado
 Huma Real Esposa, convivendo
 Para alegria Vossa, e bêm do Estado
 Successor desde já vos encommendo
 Que mesmo como estou avelhentado
 Inda beijar-Lhe a Real Mão pertendo.

*Seguem-se as Decimãs, compostas de Versos serios,
e joviaes, guardando sempre a Decencia
propria deste Real Objecto.*

No caracter de Velha.

DECIMA 1.^a

Meu Neto, tenho alegria
Nos Annos do Nosso Rei;
Tu és creança, bem sei,
Mas lembra-te deste Dia.
Hoje teu Pai, tua Tia
Derão aos provez dinheiro;
Teu Pai, Portuguez inteiro,
Traz o Nosso Rei consigo;
Dize tu tambem comigo
Viva D. MIGUEL PRIMEIRO.

Ao mesmo Mote.

No caracter de Algarvio.

DECIMA 2.^a

Salte em terra, Mestre Arraes;
Não sabe o que vai de novo?
Por Lisboa todo o Povo
Dá de alegria senaes!
Lumenarias são garaes
Ao Nosso Rei verdadeiro;
Tudo sai hoje a terreiro;
Repazes de toda a idade
Gritão por essa Cedade:
Viva D. MIGUEL PRIMEIRO.

No mesmo caracter.

DECIMA 3.^a

Na baiuca, que encontrar;
 Vou fajer-Lhe huma saude;
 Não beberei hum almude;
 Mas hei-de-me abarrota
 E se lá ouvir fallar
 Contra ElRei algum brejeiro,
 Ai, eu pôsto de puleiro;
 C'o páo do leme a bater-lhe,
 Dou-lhe até ouvir dizer-lhe:
 Viva D. MIGUEL PRIMEIRO.

DECIMA 4.^a

Seria M

Depois das perseguições,
 Que Portugal tem soffrido;
 Deos, de nós compadecido,
 Nos poz termo ás oppressões
 Rei de Pias Intenções
 Nos dêo o Ceo Justiceiro;
 Só falta por derradeiro,
 Para bem dos Lusitanos,
 Que em paz, e por muitos Annos
 Viva D. MIGUEL PRIMEIRO.

DECIMA 5.ª

Não se deve contemplar
 Por verdadeiro Realista
 O que na Tropa se alista
 Para crimes disfarçar.
 Quem o Seu Rei respeitar
 Tenha character guerreiro;
 Realista verdadeiro
 He o que, p'rigos soffrendo,
 Vai resistindo, e dizendo:
 Viva D. MIGUEL PRIMEIRO.

*Mote, que deo huma Senhora ao Auctor, alludindo
 aos desejados, e muito applaudidos Annos
 de Sua Real Magestade.*

MOTE.

*Com MIGUEL hoje nascéo
 A Gloria da Monarchia.*

DECIMA 6.ª

Vida nova á Patria deo
 MIGUEL, Poderoso Rei;
 A paz do Throno, e da Lei
 Com MIGUEL hoje nascéo.
 Confunda-se o que he Athéo,
 E a cruel Maçonaria,
 Que MIGUEL he Quem vigia
 Dos falsos a impiedade,
 Levando á Posteridade
 A Gloria da Monarchia.

Ao mesmo.

DECIMA 7.^a

Irmãos, tudo se perdêo!
(Disse hum *Pedreiro ao Irmão*)
Pois a nossa escravidão
Com *MIGUEL* hoje nascéo.
Inda bem, lhes disse eu;
Pois a *Facção* que queria?
Cuidava que lhe valia,
A capa, com que se cobre?
Tem Braço, e Poder mais Nobre
A Gloria da Monarchia.

FIM.

do mesmo.

DECIMA

No dia 15 de Dezembro ha de sahir á luz, pelo mesmo Auctor, huma Obra de tres folhas, muito jovial, que não deixará de agradar aos seus estimaveis Leitores, pela muita critica, de que he ornada, a diversos assumptos: ha de publicar-se na Gazeta, e vender-se nas Lojas do estilo.

FIM